



Violência entre adolescentes: estamos mais expostos ou mais doentes?

Luciana Sianto

No dia 20 de julho, por curiosidade, resolvi digitar a palavra “adolescente” na aba de notícias do Google. O resultado me assustou: apenas na primeira página foram identificados seis casos de crimes contra ou envolvendo adolescentes no Brasil, ocorridos num período inferior a uma semana — incluindo o recente e chocante caso da jovem Nicolly, de 15 anos, brutalmente assassinada, com suspeitos sendo seu namorado e outra adolescente. Esse recorte revela o quanto a violência contra adolescentes está presente e visível em nosso cotidiano, ao mesmo tempo em que toca num tema que muitas vezes preferimos ignorar.

Mas será que isso aponta para um aumento real da violência — ou estamos apenas mais expostos a ela? Segundo o Atlas da Violência 2025, a morte violenta é a principal causa de óbito entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil. Só em 2023, foram 21.856 jovens mortos, o que equivale a cerca de 60 por dia. Desses, 34% morreram por homicídio. Quando observamos a faixa mais jovem dessa população, os dados continuam alarmantes: entre 2013 e 2023, o Brasil registrou 90.399 mortes de adolescentes de 15 a 19 anos e 6.480 mortes entre crianças de 5 a 14 anos.

Além das mortes, as agressões não letais também aumentaram. Em 2023, foram 115.384 atendimentos a

crianças e adolescentes vítimas de violência física, psicológica ou sexual, o que representa uma alta de 36,2% em relação ao ano anterior. O impacto psicológico disso tudo também se reflete nas estatísticas de suicídio: entre 2013 e 2023, o número de mortes por suicídio entre crianças e adolescentes a partir de 10 anos cresceu 42,7%.

Vivemos em um tempo em que os casos de violência ganham visibilidade quase imediata pelas redes sociais e canais digitais. O acesso à informação é, por um lado, positivo — nos permite conhecer dados, refletir, denunciar e agir. Mas por outro, também pode ser perigoso, especialmente quando adolescentes estão expostos a esses conteúdos de forma crua, repetitiva ou sensacionalista.

Por isso, falar sobre esses temas é essencial — mas deve ser feito com responsabilidade. Precisamos discutir, sim, mas com cuidado: protegendo, informando com sensibilidade e criando espaços seguros para que os jovens possam ser ouvidos, cuidados e compreendidos. Para ler mais:

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5999-atlasdaviolencia2025.pdf>

Nesta edição

Destaque na mídia	Blog do Neppa	Na tela ou na estante
Novidades	Arte em foco	Boa leitura!

Aumenta a procura por atendimento psicológico entre jovens de 10 a 14 anos



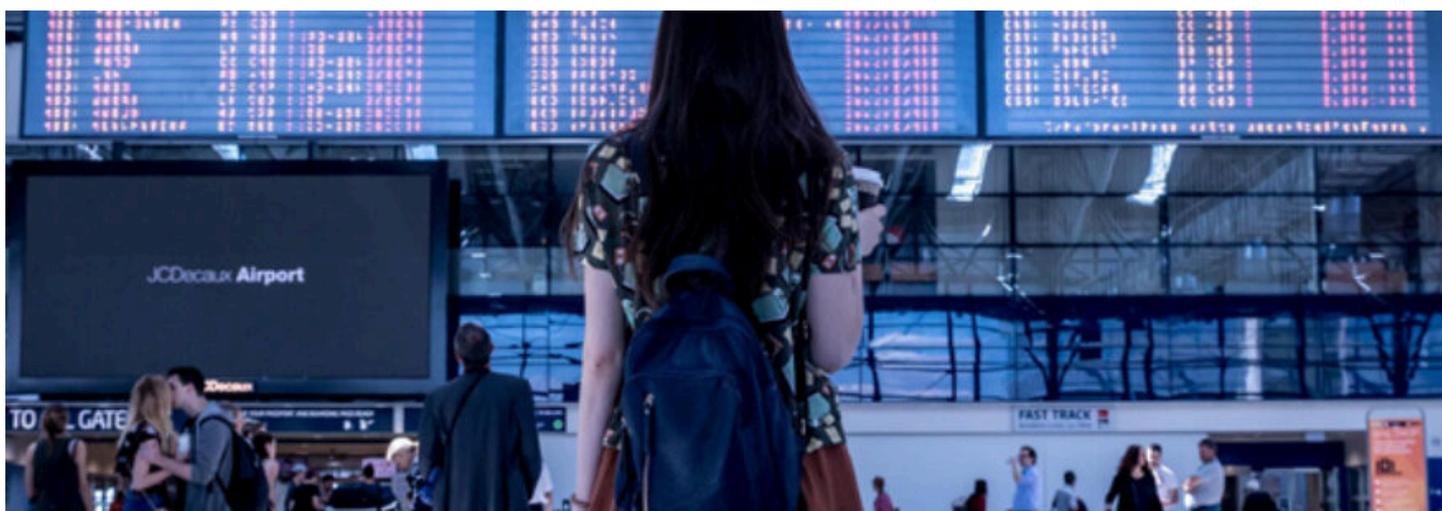
Um aumento de 45% na procura por atendimento psicológico entre jovens de 10 a 14 anos. Esse dado, por si só, já deveria nos fazer parar. Respirar. E refletir: o que está acontecendo?

Vivemos em uma era onde a ansiedade já se tornou parte da rotina de muitos adultos — e agora também dos mais jovens. Crianças e adolescentes que mal aprenderam a lidar com o mundo já estão precisando de ajuda para suportá-lo.

É urgente olhar para esses números não como estatísticas frias, mas como pedidos de socorro silenciosos. Crianças e adolescentes estão adoecendo emocionalmente, muitas vezes em silêncio, dentro de casa, nas escolas, nas telas. É hora de falar sobre isso. Com mais responsabilidade, menos julgamento e mais escuta.

Para ler mais: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/procura-por-atendimento-nos-caps-sobe-45-entre-jovens-de-10-a-14-anos>

BLOG DO NEPPA



Mochilões, adolescência e a dor do ninho que se abre

Por Geiza Maria

Era previsível. No dia em que meu filho completou 18 anos, ele pediu para fazer uma viagem internacional sozinho. O destino? Bolívia. Com uma mochila nas costas, um roteiro solto e o desejo ardente de se jogar no mundo, ele partiu. Voltou depois de perrengues na alimentação, sustos em um trem descarrilhado, ricos aprendizados na língua e na cultura local e uma quantidade enorme de silêncios que nunca serão totalmente traduzidos em palavras. E nem revelados. E foi ali que compreendi, na carne, o que significa... Leia o texto completo AQUI.



A importância da clínica psicanalítica com adolescentes: um olhar histórico e contemporâneo

Por Sandro Cavallote

O adolescente que conhecemos hoje – sujeito em transição entre a infância e a vida adulta, marcado por crises identitárias, rebeldia e busca por autonomia – é uma figura que só ganhou contornos definidos nos últimos 50 anos. Antes disso, a passagem da infância para a idade adulta era frequentemente abrupta, sem um período intermediário de experimentação e elaboração psíquica. Em muitas culturas, os ritos de iniciação simbolizavam essa mudança de status, transformando a criança em adulto quase que instantaneamente, sem espaço... Leia o texto completo [AQUI](#).



A dor dos jovens e o eco das nossas feridas

Por Cláudia Scheneider

Ter que escolher a hora certa de falar, a forma correta de agir, a roupa adequada, saber quando querer e quando esperar, reconhecer em quem posso confiar e de quem preciso me resguardar para não me dar mal. Ser adolescente nunca foi uma tarefa fácil para ninguém, e nos dias atuais, tem sido um desafio ainda maior.

A internet invade nossas vidas a todo instante, trazendo falsas notícias, informações fragmentadas e questionamentos de todos os tipos. A insegurança no cotidiano também mudou. Não é mais aquela insegurança... Leia o texto completo [AQUI](#)

Weak Hero Class

Weak Hero Class — Classe dos Heróis Fracos em português — é uma série sul-coreana intensa, que mergulha nas dores silenciosas da juventude. A trama gira em torno de Yeon Si-eun, um estudante aparentemente frágil que, ao ser alvo de bullying, revela uma mente estrategista e uma coragem surpreendente. Ao lado de dois colegas — Su-ho e Beom-seok — tenta criar laços de amizade em meio à violência escolar. Mas esses vínculos logo se desgastam por inseguranças, carências emocionais e histórias familiares marcadas por abandono, revelando como até as tentativas de afeto podem desmoronar quando não há suporte real.

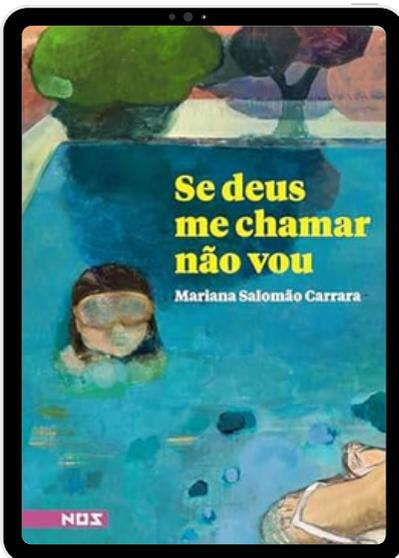
Na segunda temporada, Si-eun tenta recomeçar em outra escola, mas percebe que os mesmos padrões se repetem: instituições omissas, colegas emocionalmente feridos, violência naturalizada,

e uma constante sensação de que o sistema está falhando com uma geração inteira. A brutalidade muda de forma, mas nunca desaparece.

Mais do que uma história de lutas físicas, Weak Hero Class é uma crítica direta à normalização do bullying, à pressão por desempenho, à negligência familiar e à forma como o sofrimento adolescente é frequentemente ignorado. A série trata de saúde mental de forma crua e necessária, mostrando que as verdadeiras batalhas muitas vezes são invisíveis — e que a força pode nascer não da brutalidade, mas da resistência silenciosa.

Se você se interessa por temas como adolescência, violência escolar e abandono emocional, essa série não é só recomendada — ela é essencial.

Weak Hero Class está disponível na Netflix.



Se Deus Me Chamar Não Vou – Mariana Salomão Carrara

Quem conta essa história é Maria Carmem, uma menina de 11 anos com uma voz que mistura frescor, humor e uma solidão inesperadamente profunda. Ela cresce entre fraldas geriátricas, bengalas e silêncios. Estes são artigos da “loja de velhos” da família, que a fazem pensar sobre o mundo, o corpo, a morte e o silêncio que pesa mais que qualquer grito.

“Acho que vem daí a palavra solidão, pessoas tão sólidas que ninguém vem checar se estão ruindo.”

Em outra parte, ela diz:

“Às vezes eu não durmo. Principalmente quando o dia foi tão péssimo que eu não quero que o outro dia chegue porque fica pensando que vai ser pior.”

Ela escreve cartas, listas, e pensamentos que se erguem como poesia crua. Não estão ali para serem resolvidos, mas para serem sentidos e escutados.

Maria Carmem desmonta, com delicadeza e força, o mundo adulto: a escola que não a acolhe, o corpo que a incomoda, a família que parece transparente, e o Deus que acaba chamando ou não.

Não espere deste livro um manual. O que ele oferece é a chance de sustentar o que não se entende logo de cara. Ler Maria Carmem é praticar a escuta sem julgamento, reconhecer que o desconhecido faz parte da experiência de cuidar.

Para quem acompanha crianças e adolescentes, é um lembrete: o silêncio também fala. E às vezes, escutar é mais urgente do que interpretar.

Aulas abertas do Neppa/EPC

As Aulas abertas do Neppa /EPC acontecem quinzenalmente trazendo temas sobre a Clínica Psicanalítica do Adolescente. Você pode assistir as aulas anteriores no canal do [YouTube do NEPPA](#).

A escuta ampla: por que a clínica com adolescentes precisa se expandir?

A Jornada psicanalítica de acolhimento e transformação para nossos jovens

26/06, quinta, 19h30. Google Meet.



Sandro Cavallote

Psicanalista, escritor e comunicólogo.
Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Adolescência (Neppa/EPC)

Especialista na clínica psicanalítica do adolescente. Pós-Graduado em Análise do Discurso e Psicanálise e Análise do Contemporâneo



Fique ligado! Mensalmente tem episódio novo do Podcast do Neppa/EPC!

O último episódio da temporada sobre o filme **“O guia da família perfeita”** já está disponível! Ouça esse e os demais episódios [AQUI](#)

ARTE EM FOCO

Para mim, a pior parte de sofrer bullying não é a dor do machucado e sim o isolamento, a dor de você não ter feito nada de errado e mesmo assim se sentir culpado por não ter feito nada de melhor. Essa é a dor de um único Bullying.

Angelina, 11 anos - Cajati/SP

Em uma escola nova
Tenho um medo novo
De não gostarem de mim
Será que eu sou tão chata assim ?

Eu tentei me aproximar
Mas me afastaram
Ninguém quer ficar perto de mim
Será que eu sou tão chata assim ?

Meus pais não me escutam
Não posso dizer o que tenho sentido
Então decidi guardar para mim
Sará que eu sou tão chata assim?

Valentina, 11 anos - Cajati/SP

Até a próxima

NEPPA/EPC	SANDRO CAVALLOTE FABRICIO TAVARES
Grupo Editorial	Luciana Sianto Camila Manga Gabriela Braun Fabiana Tavares